



Diretrizes para o
Colégio Notre Dame Ipanema
Arar o Mar



Foto: Jayesh Khaturia

2016

Professores - 11 de fevereiro de 2016 – Ano Santa da Misericórdia (08.12.15 – 20.11.2016), 83º aniversário do Colégio Notre Dame Ipanema (06 de março), 200º aniversário da morte de Santa Júlia Billiard (08 de abril), ano dos XXXI Jogos Olímpicos de Verão e das XV Paralimpíadas, na cidade do Rio de Janeiro, VI Encontro Nacional da Juventude Notre Dame (07-10.09.16)

Estimados Educadores do Colégio Notre Dame Ipanema

“Quem serve a uma revolução ara o mar”¹. Iniciamos o quarto ano, servindo a revolução da bondade, usando a metodologia do arar o mar. A imagem é poliédrica, poligonal, sustentável e, por isso mesmo, inesgotável. Sua forma matemática, revela as muitas faces do mar da educação. O movimento, física, é o processo educacional e aponta a dinâmica mutante e mutacional. Para arar o mar é preciso que o lavrador – o professor educador tenha - o arado – ferramentas de trabalho, a começar pela audição, a visão e a fala, as habilidades de representação e leituras gráficas de sistemas de escrita e mapas diversos, processados em textos, imagens, sons e tecnologias transformadas e transformantes. Para puxar o arado são necessários os bois, os mesmos ruminantes ancestrais ou os cavalos, o cavalo-vapor (HP)² – os sonhos, os valores, as ciências, as metodologias - guiados pelo professor, o qual ajuda a organizar a água que se esparrama, as muitas informações que os estudantes trazem. Arar o mar, como sugere a imagem, é esparramar água: é brincar – é o primeiro momento, o da diversão. O uso das tecnologias precisa ser divertido, prazeroso e rápido. A velocidade do movimento das aulas, das engenharias, das redes sociais, gera aprendizagem e transformação. O mar se modifica a cada segundo e não se repete. Os estudantes, apreciam a diversão e a rapidez na qual estejam envolvidos. Os resultados de sua produção, organizada, ampliada e recriada a partir do esparramo de informações precisam ser partilhados, mostrados aos pais, aos colegas, à comunidade escolar.³ E avaliados horizontal e verticalmente, em nível de profundidade, transversal, inter, multi e transdisciplinar. Hoje, mais do que ontem, vige o dito de Confúcio: “Aquilo que escuto, eu esqueço. Aquilo que vejo, eu lembro. Aquilo que faço, eu aprendo”. Tradicionalmente se dizia o estudante consegue prestar

¹ A afirmação é do revolucionário sul-americano Simon Bolívar: 1783-1830. O dito consta do epitáfio de sua tumba. Desde 1876, seus restos mortais estão sepultados no Panteão Nacional da Venezuela, em Caracas. Em 2013 foi inaugurado, neste Panteão, um mausoléu em homenagem a Simon Bolívar.

² 1782. O termo **cavalo vapor** foi implantado por James Watt para demonstrar quantos cavalos correspondiam à máquina que ele inventou. Ele observou e propôs que um cavalo podia suspender um peso de 735 whatt a um metro de altura em um segundo, usando uma equação matemática.

³ In **Os três segredos para transformar a sua escola com tecnologia**, de Américo Amorim e Giordano Cabral . Recife: Escribo, 2015.

atenção por 8 minutos. Precisaria ser reenvolvido no processo de ensino aprendizagem a cada oito minutos. Hoje, com a geração polegar, dizem os estudiosos do assunto, a capacidade de atenção do estudante seria de 30 segundos. Daí, a indispensabilidade de envolver o pupilo no caminho, conduzi-lo pela mão, como o pedagogo.

Usar o mar, como imagem pedagógica, requer a prática do pensamento disruptivo⁴, romper barreiras, paradigmas pedagógicos, pensar fora do convencional. A **Utopia**, de Tomas More,⁵ descreve o sonho da sociedade ideal que, 500 anos depois, continuamos a sonhar, ao ararmos o mar. Arar o mar, professor Notre Dame, neste ano da cartografia, exige saber ler os mapas dos mares estabelecidos pela natureza e também dos mares modificados pelo homem. Entender das alterações das estações das águas, das variações sazonais de seus estudantes, dos ritos e mitos ancestrais e hodiernos que se constituem na base geológica, bem como no corpo, na mente e no espírito das crianças, adolescentes e jovens. Os retratos humanos, que estão sendo documentados desde 10.000 anos a. C., continuam confirmando a unidade da linha filogenética nas expressões de eu, tu, nós, eles⁶. Ao longo da história, os retratos humanos, como cópia, representação artística ou técnica foram e são, muitas vezes, cantados. O mar, permanentemente emite uma música. Ao caminhar com o estudante, no mar da educação, é indispensável a música, sob risco de não poder nadar, mergulhar, surfar, pescar, navegar entre, além e através das ondas⁷. Navegando, como na educação, muitas vezes é preciso fazer um curso em zigue-zague, usar as correntes para navegar contra o vento, alterando o ciclo sazonal do mar,⁸ o ciclo das estações dos estudantes. Daí, o professor poder exigir muito mais de seus

⁴ “Você tem em sua mente imagens de uma realidade que funcione assim... Todas as suas imagens mentais contradizem as ideias de que falei” (In Thomas More, **Utopia**, adaptação de Nilson José Machado, São Paulo, Ed. Escrituras, 2014).

Na obra **O Lobo do Mar**, de Jack London, Rio de Janeiro, Zahar, 2015 descreve como todos os personagens, por uma questão de sobrevivência, tiveram que desenvolver um pensamento disruptivo. “... ele via as coisas de uma perspectiva totalmente diferente” (p. 88).

⁵ Em 2016 se celebram os 500 anos de publicação desta obra. O tema foi assunto da redação do vestibular da FUVEST, em janeiro último.

⁶ David Abulafia, em **O Grande Mar**, Rio de Janeiro, Objetiva, 2014, p. 40.

⁷ **Utopia**, de Tomas More menciona a música por 4 vezes. E até recentemente, para poder ser professor era necessário saber cantar e tocar um instrumento musical.

No épico **Caramuru**, de Santa Rita Durão, 1781, edição de 2011, lê-se: “ Em cuidadosa escola, o temor santo antes das artes a qualquer se ensina; dão-lhe lições de ler, contar, de canto, e o catecismo da cristã doutrina...” (p. 227

⁸ Op. cit. p. 28;

estudantes, de modo que ele seja capaz de formular questões desdobradas em diferentes perspectivas. A leitura em detalhe mostrará que nem sempre há respostas certas, coerentes com a resposta do livro, mas ampliará os campos de visão e revelará “mares nunca dantes navegados”, porque não somos estáticos, estátuas. Estamos em movimento e sem movimento não somos. A nossa constituição é movimento. Ao constituir-nos, modificamos o planeta. Atualmente, lançamos mais partículas na atmosfera do que os vulcões. Estamos preparando transpor a próxima era do gelo, pela queima de combustíveis fósseis, pelo concreto excessivo, pelas bombas atômicas, pelos produtos tecnológicos, pelo lixo. Cidades como Veneza, Xangai, Amsterdã e Rio de Janeiro estão em locais da crosta terrestre que estão afundando, cobertas por sedimentos e candidatas, da primeira hora, à fossilização.⁹ Pela primeira vez, na história da evolução geológica nós, os seres humanos, estamos modificando a composição do planeta, capazes de provocar um impacto tão grande como o do meteoro que extinguiu os dinossauros. A próxima era geológica já tem, inclusive, uma proposta de nome: Antropoceno¹⁰. Por tudo isso, também, uma variedade de técnicas de questionamentos, nas suas aulas, mostrará que não há perguntas idiotas, revelará a pluralidade do pensamento humano, alimentará as esperanças e os sonhos das crianças e jovens e não se resignará à monotonia das aulas. Raízes e utopia precisam ser regadas, alçadas e apoiadas. A cultura do encontro, nas diretrizes do Papa Francisco, são parte do nosso pastoreio.

No contexto antropocênico, está o princípio de nº 08 da Rede de Educação Notre Dame: “Cuidado com a vida do planeta, do outro e de si”. Toda a Encíclica **Laudato Si** conclama-nos à educação ambiental, à ética ecológica, à sustentabilidade. O PPP - Projeto Político-Pedagógico da Rede de Educação Notre Dame está fundado, ancorado e descrito na treliça do cuidado com a mãe Terra, com a sustentabilidade, com o cuidado da rede da vida. Por isso, este é o ano da retomada, do aprofundamento e do colocar em prática as diretrizes orientadoras do mesmo. Na sequência, e como consequência, usaremos somente o necessário e o suficiente de todos os produtos, itens, objetos, tecnologias, matéria prima, na construção do processo educacional. Não gastaremos matéria prima para fazer cartazes referentes a isso, mas educaremos diuturna e infatigavelmente, para usar luz, água, energia, ar condicionado, papel, tinta e outras matérias, somente o necessário, o suficiente. Classificaremos o pouco lixo que produzirmos e desafio-os, professores, a criarem uma variante pedagógica da legislação de nossa cidade, a qual multa o cidadão infrator que

⁹ “Uma força planetária”, de Cesar Baima, in O GLOBO, Rio de Janeiro, 14.01.2016, p. 22.

¹⁰ O termo foi criado por Eugene Stoermer, EUA, em 1934. Popularizado pelo holandês Paul Crutzen, químico que foi prêmio Nobel, em 1933. Os especialistas divergem e antes de ser aceita a nova era e o novo nome é preciso haver consenso entre geólogos, antropólogos e outros especialistas (Fonte: **Museu do Amanhã**, Rio de Janeiro, Brasil).

suja o ambiente.¹¹ Os temas transversais, os exercícios plurais, o uso das múltiplas linguagens, a ubiquidade da comunicação,¹² a diversidade de propostas desafiadoras, a ludicidade contribuem para que os estudantes, em grupos, construam significados e confirmam sentido àquilo que arquitetam e aprendem, imersos na diversidade cultural, geológica e virtual. E assim educaremos para o bem, o belo e a verdade. E para isso, há necessidade de trocarmos nossa cultura individualista pela cultura de colaboração e de parceria, bem como usarmos a língua portuguesa padrão, a norma culta, em todas as nossas expressões, registros, falas, escritos.

Como o Papa Francisco, educadores Notre Dame, “nós estamos aqui porque amamos a escola, como estudante e como professores... Amo a escola porque é sinônimo de abertura à realidade”¹³. “Nas escolas católicas, o educador deve ser antes de tudo muito competente, qualificado e, ao mesmo tempo, rico de humanidade, de testemunho de valores...”¹⁴ O próximo do professor são os estudantes, que esperam a sua guia, as suas orientações, respostas e boas perguntas¹⁵.

O modo de colocarmos em ação as diretrizes de 2016 será a resiliência, metodologia geral, indispensável, para ararmos o mar. Bem-vindos, professores, ao ano da resiliência olímpica! A dinâmica da mudança acelerada, que estamos vivendo, compele-nos a desenvolver uma resiliência pessoal, organizacional e social. Daryl R. Conner conceitua resiliência como a habilidade de absorver elevados níveis de mudança, enquanto manifestamos um mínimo de disfunção de conduta.¹⁶ Desvelando o véu das influências escondidas, que afetam nossas atitudes neste tempo de oscilação, podemos nos tornar arquitetos da resiliência, se não formos principiantes em mudança, se acreditamos e investirmos em bons palpites, se reconhecermos as oportunidades. “O homem não faz a oportunidade. Tudo o que os grandes homens fizeram foi reconhecer a oportunidade quando ela apareceu diante deles”.¹⁷ A mentalidade positiva frente às circunstâncias adversas nos possibilita ver saídas alternativas de sustentabilidade, fortaleza e sentido comunitário, quando há abertura a mudanças, quando a cultura social influencia o resultado final. Em consequência, pessoas resilientes não se acomodam quando as metas foram alcançadas. Elas mesmas elevam, ampliam, infinitizam seus horizontes, sonhos e aspirações. As pessoas resilientes, ao encarar as crises, como a atual crise ética, econômica e política que estamos vivendo, veem-na como oportunidades, desenvolvem o pensamento

¹¹ Lei n. 3273/2011, do Programa do Lixo e Limpeza Urbana. Só começou a ser aplicada, fracamente, em 2014.

¹² In **Comunicação Ubíqua**, de Lucia Santaella, São Paulo, Paulus, 2013.

¹³ Discurso aos estudantes e professores das Escolas Italianas, 10. 05.14

¹⁴ Discurso aos participantes da plenária da Congregação para a Educação Católica, 13.02.14.

¹⁵ Discurso à União Católica Italiana de professores, dirigentes, educadores e formadores, 14.03.15.

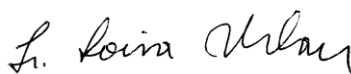
¹⁶ In **Managing at the speed of change**. New York, Randon House, 2006, p. 223.

¹⁷ In **O Lobo do Mar**, de Jack London, 2015, p. 130.

disruptivo, complexo, sistêmico, reorganizam-se pessoal, social e estruturalmente. Pessoas resilientes carregam as pessoas fracas, especiais, incluem-nas na construção da cidadania e favorecem o desenvolvimento de sua autoestima. Educadores resilientes tem alta tolerância à ambiguidade, sentem-se empoderados frente às mudanças, nutrem-se de relações que apoiam mudanças e tem uma dieta à base de culturas do conhecimento. Eles identificam os temas subjacentes ao caos, negociam prioridades, administram, simultaneamente, muitas tarefas, reconhecem quando precisam pedir ajuda, engajam-se em ações, rigorosamente planejadas, assumem riscos, reemolduram situações mutantes, improvisam novas aproximações, aprendem por **bench mark**, influenciam e ajudam outros a solucionar conflitos.¹⁸ Pessoas resilientes deixam entrever uma tremenda força mental e espiritual. Sempre e em todas as situações, elas atuam com ética, bondade e firmeza, com espírito olímpico, cuidando da casa comum: a Terra.

Um clássico da literatura que mostra, primorosamente, o desenvolvimento da resiliência de seus personagens é **O Lobo do Mar**, de Jack London, porque “só podemos medir o que não conhecemos com o que conhecemos” (2015, p. 249). A trama pode ser lida como um filme que mostra a transformação de alguns personagens que sobreviveram, graças ao desenvolvimento da resiliência¹⁹.

Educadores Notre Dame, neste ano das pulses, vamos arar o mar, com mais propriedade e profundidade. A rede de nossa vida está lançada em outras águas. “Avancemos para águas mais profundas” (Lc 5,4). Nossa Senhora de Ipanema²⁰ nos acompanha e abençoa neste ano bissexto, ano da porta santa, quando comemoramos os 200 anos da morte da santa sorridente: Maria Rosa Júlia Billiard.



Ir. Loiva Urban
Diretora

¹⁸ Ideias desenvolvidas por Daryl R. Corner, **Managing at the speed of change**. New York, Random House, 2006.

¹⁹ “Pude desenvolver a pouca habilidade executiva que possuía e tive uma consciência maior do endurecimento ou fortalecimento de caráter pelo qual estava passando...” (p. 197)

²⁰ Temos o quadro de Nossa Senhora de Ipanema, uma pintura da Ir. M. Judith, retratando a visão que teve na praia de Ipanema. A irmã dedicou-se durante dez anos à educação no Colégio Notre Dame Ipanema (* 04.03.1902 – Lutten, Alemanha; + 26.04.1950 – Ipanema, Rio de Janeiro, RJ).



Educação sem fronteiras!

Rede de Educação Notre Dame

Presente nos cinco continentes. Há 93 anos no Brasil e há 83, no Rio de Janeiro.
Ipanema • Recreio dos Bandeirantes • Ilha do Governador